UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

27

INSCRIÇÕES 122-125



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1988 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





122

ARA FRAGMENTADA DE FÓIOS (SABUGAL)

Гото 122

Este monumento apareceu, há já algumas décadas, no sítio dos Pardieiros (freguesia de Fóios, concelho de Sabugal), cerca de um quilómetro para nordeste da aldeia (¹).

É de granito de grão médio e está em muito mau estado de conservação, por ter sofrido desbastes em quase todos os lados aquando do reaproveitamento. A face direita do capitel está

⁽¹) Neste local, que está muito próximo da cota máxima numa linha de alturas que, pelo Sul, ali limita a Meseta, aparece algum material de superfície (mós manuais, pesos de tear, cerâmica comum). A ara, que na altura se havia transportado para a aldeia, foi agora oferecida por Palmira Pires Esteves à Câmara Municipal (onde já se encontra, para ser integrada no futuro museu).

Fomos informados de que, num ficheiro de D. Fernando de Almeida, teria existido uma nota sobre «aras a Júpiter do Sabugal». Todavia, no espólio depositado no Museu de Castelo Branco não se encontra tal apontamento.

Também a antiga proprietária desta ara nos informou de que, haverá cerca de vinte anos, ali teriam estado «uns senhores de Lisboa a fotografá-la»: talvez esta seja uma das referidas «aras a Júpiter». A outra, de facto dedicada a Júpiter Óptimo Máximo e por informações prestadas por Maria Virgínia Mendes, do Casteleiro, terá aparecido em 1971 no sítio do Paraíso, freguesia da Moita, e posteriormente depositada no Museu de Castelo Branco, onde se encontra; foi recentemente publicada, embora com origem desconhecida: José Manuel Garcia, Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1984, n.º 7.

totalmente destruída; na esquerda apercebem-se três cordões (respectivamente, de cima para baixo, com 2.5/4/3 cm) a que se seguiria uma gola directa com 10.5 cm; as faces posterior e anterior são planas, mas nesta existe, centralizado e superficialmente vazado, um arco ornamental (com 23 cm na base e 14 de altura); na cornija (com 9 cm de altura) nota-se que existiram dois toros laterais (com 9 cm de largura) que limitariam um fóculo rectangular com 15×24 . Ao fuste, também destruído de forma irregular, falta quase a metade esquerda.

A gravação é bastante superficial e irregular, principalmente no que resta das duas últimas linhas onde os caracteres estão progressivamente deslocados para cima; a primeira linha inicia-se com restos de um V, e a segunda com um I; a terceira linha termina com um A, mas a existência de um rasgo, entre esta letra e o P anterior, faz com que se pareça com um M; a quarta linha inicia-se com metade de um M. Foram gravados pontos de separação entre todas as palavras e siglas.

Dimensões: capitel: (29) \times (39) \times 26; fuste: 35 \times (33/28) \times 25; base: (14) \times (36) \times (28).

Campo epigráfico: $35 \times (28)$.

[RV]FVS · T/[···]I · F(ilius, ex) V/[OT-, vel (-oto) DE-/RE-?]O · PA/[RA]MAECO / (aram posuit?).

Rufo, filho de (?), por voto, erigiu a ara a(o Deus, Reus?) Paramaeco.

Altura das letras: l. 1: 5,5 aumentando para 6,5; l. 2: 6,5; l. 3: 6,5 diminuindo para 6; l. 4: 5. Espaços: 1: 0; 2: 1; 3: 1/1,5; 4: 1/5/1; 5: 7 aumentando para 8.

O autor do voto, ainda que utilizando a onomástica indígena, já havia adoptado um antropónimo latino. Para o patronímico não se avança qualquer reconstituição (sendo várias as hipóteses possíveis), embora, pelo espaço disponível e também pela região onde se integra, pudesse eventualmente tratar-se de *Tritius*.

A localização do achado pode contribuir para confirmar a existência, aqui, do culto a uma divindade do *paramus* (planalto, meseta) (2).

Este monumento poderá ser do séc. 11.

FERNANDO PATRÍCIO CUBADO



Fото 122

⁽²) Cf. nota anterior. *Paramaecus* conhece-se como antropónimo em Marialva (FE 47), e como teónimo em Lugo: *vide* Maria de Lourdes Albertos, *Teónimos Hispanos*, «Primitivas Religiones Ibéricas», vol. II, Madrid 1983, (dirigido por J. M. Blázquez).

ESTELAS FUNERÁRIAS DE VILA BOA (SABUGAL)

123.1

Гото 123. 1

O primeiro destes monumentos, de granito de grão médio e bastante erosionado, está reaproveitado como lintel de uma porta posterior numa casa bastante degradada de Vila Boa (¹). Está deitada sobre o lado direito e, com essa orientação e aquando do reaproveitamento (possivelmente no séc. xvIII), de forma pouco profunda ter-lhe-ão gravado uma pequena cruz (com 14 cm de altura e 12 nos braços) à esquerda, a que se sobrepõe a provável identificação do proprietário e ano de construção (em inscrição que não conseguimos decifrar).

Está fracturada imediatamente por cima da primeira linha, pelo que, provavelmente, lhe faltará a cabeceira. Na face posterior é de corte bastante irregular, evidenciando um desbaste para diminuição da espessura. A superfície frontal apresenta um desgaste não uniforme, sendo este mais acentuado na metade superior.

O campo epigráfico é formado por duas cartelas rebaixadas, separadas por uma faixa de 10/11 cm de altura e deixando lateralmente dois listéis com cerca de 5 cm de largura. Imediata-

⁽¹) Esta casa fica na Rua do Ribeiro e pertence a José Antôno. A situação da porta, encostada a uma outra parede lateral, não permite que se fotografe o monumento em condições que permitam uma boa leitura da epígrafe.

mente por baixo da segunda cartela, segue-se uma faixa ornamental (com 40 × 45) que contém em relevo dois frisos de merlões, alternadamente opostos e reentrantes; seguem-se-lhe, com um pequeno intervalo de 4 cm, dois motivos laterais também em relevo e com forma de LL invertidos e opostos (com 13 cm nas hastes horizontais e 17 nas verticais) que separariam o corpo do soco.

A inscrição é em letra capital actuária, de traçado muito irregular (rústico) e com arestas arredondadas: os MM são muito abertos; os NN de hastes oblíquas; os AA abertos e de travessões baixos; os TT e os FF de hastes transversais reduzidas; os SS inclinados para a direita; e os GG com hastes verticais reduzidas. Deficiente paginação, com um nítido alinhamento à esquerda.

A 3.ª linha está quase apagada, e na 4.ª gravou-se o S final sobre o listel lateral (restando apenas alguns vestígios); na 5.ª, está quase destruído o que supomos ser um nexo BE (que não é muito vulgar), conseguido com o prolongamento, para a esquerda, das linhas de intercepção das panças do B; na 8.ª, a sigla foi gravada já sobre a moldura.

Dimensões: $(172) \approx 46/38 \times (26)$. Campo epigráfico: 1.ª cartela: $(33) \times 36/37$; 2.ª cartela: $21,5 \times 35/34$.

MONIM/ENTVM / C(aio) [TATVCIO (?)] / TANGINV[S] / LIBERTVS / 5 SVOS (sic) // TANGIN/VS DVATI F(ilius) FEICIT (sic).

Monumento a Gaio (···), (que mandou fazer) Tangino, seu liberto. Tangino, filho de Duátio, fez.

Altura das letras: l. 1 e 2: 5; l. 3: 3,5/4; l. 4; 4/5; l. 5: 5,5/6; l. 6: 5; l. 7: 4,5/4; l. 8: 4/5 (T = 5,5); l. 9: 5,5/5. Espaços: 1: (?); 2: 1; 3: 0,5/0; 4: 1/0; 5: 1; 6: 1/0; 7 e 8: 0; 9: 0/1; 10: 1,5/0; 11: 5/6.

Se a grafia de *monimentum* por *monumentum* é vulgar, e, também, por infecção céltica, seja normal *feicit* por *fecit*, talvez a desinência do pronome não seja apenas o resultado de uma deficiente pronunciação local mas, pelo contrário, a persistência de um nominativo indígena em -os.

Pelo mau estado de conservação e deficiente gravação, a leitura do *cognomen* do homenageado é bastante conjectural: tanto poderia ser Tatucius como Tapucius (este fazendo lembrar a forma Pucius já conhecida na região), mas sem que conheçamos paralelos para qualquer das variantes. Por outro lado, Tanginus é dos cognomina indígenas mais vulgares na região; e se Duatius não é tão vulgar, pelo menos, é conhecido já em algumas inscrições da Lusitânia (²).

Pela fórmula inicial, utilização do dativo e pela paleografia, este monumento deverá ser de finais do séc. 11.

123.2 Foro 123.2

A segunda estela é também de granito de grão médio e também está reaproveitada como lintel de uma porta, num palheiro existente noutro local da aldeia de Vila Boa (³). Deitada sobre o lado esquerdo, tem a base fracturada e reduzida a metade da sua largura (20 cm); a cabeceira é arredondada; o campo epigráfico corresponde a uma cartela rebaixada e superiormente em semicírculo, distanciada 52 cm do bordo da cabeceira e originando listéis laterais com 5 cm de largura; na continuação da cartela, foram lateralmente prolongados para baixo dois traços verticais (com 27 cm) que, por sua vez, são unidos por uma linha horizontal e duas oblíquas cruzadas.

A inscrição, em escrita actuária, tem uma paginação razoável, com a utilização de pontos de separação nas linhas 3 e 4. Não é

⁽²⁾ Para a distribuição de *Duatius* — em Penacova, Queiriz (Fornos de Algodres), Conimbriga (Condeixa-a-Velha), Capinha, Idanha-a-Velha e Aliseda (Cáceres) — *vide* bibliografia indicada por Nelson Correia Borges, *Nova leitura da inscrição CIL* 6275a (*Penacova*), «Conimbriga», 15, 1976, p. 117-125, mapa 1 (onde a inscrição CIL 733 se deverá atribuir a Aliseda). A estas inscrições deverá juntar-se uma outra de Nisa: *vide* José d'Encarnação, IRCP, n.º 644.

⁽³⁾ Este palheiro situa-se na Rua do Barroco. E o monumento, segundo informação do proprietário (Florindo Augusto Dinis), terá aparecido há cerca de 40 anos, enterrado no próprio local do palheiro e aquando da construção deste. Juntamente com o entulho e «numa cova com terra negra», terão também aparecido alguns objectos cerâmicos, entre os quais (pela descrição feita) uma pequena taça de terra sigillata: como na aldeia aparecem reaproveitados alguns materiais líticos contemporâneos, é provável que ali tenha existido algum pequeno povoado e a necrópole se situasse na zona da Rua do Barroco.

Oferecido pelo proprietário, este monumento deverá ser em breve removido para a Câmara Municipal.

Até ao momento presente, conhecem-se 9 inscrições funerárias no concelho do Sabugal, das quais 6 são estelas, impondo-se, portanto, o elemento indígena.

segura a gravação da sigla de filiação na linha 2, já sobre a moldura; um pequeno rasgo quase destruiu o final da linha 4, embora seja possível a leitura; na linha 5, por manifesta falta de espaço, os caracteres são de módulo nitidamente inferior, com utilização do nexo NT e a não gravação do O final. Os OO são de módulo ligeiramente inferior; o P de pança aberta e o B de pança inferior maior que a superior.

Dimensões: $175 \times 40 \times 20$.

Campo epigráfico: 51 (ao centro) \times 30.

TALACEO / COPORICI (filio) / CILIVS · LIB(ertus) / EX · TESTAM/ $\overline{\mathrm{ENT}}(o)$

Cílio, liberto, por disposição testamentária (mandou fazer este monumento) a Talácio, filho de Copórico.

Altura das letras: l. 1: 8 (O = 6,5); l. 2: 7; l. 3: 7 (S = 8,5); l. 4: 6,5/8 (aumentando gradualmente para a direita); l. 5: 3,5. Espaços: 1: 8; 2: 2/3; 3: 3,5 (3 ao centro); 4: 2 (1 em S); 5: 0,5; 6: 0.

Supomos que o cognomen Talaceus se identifica pela primeira vez, embora seja mais um derivado do radical Tal- (4). Já Coporicus (vel Coporicius) é um derivado do étnico Copori, do convento lucense, e foi identificado também na região de Braga(5); por tal facto, é possível que o pai do homenageado tivesse emigrado para esta região, o que não é caso único relativamente a Gallaeci (6). Assim, Talaceus poderá ser também um cognomen indígena estranho à Lusitânia.

⁽⁴⁾ Cf. Maria de Lourdes Albertos, O. Hisp., s. u. Tala e seguintes; IDEM, NAH, «Emerita» 33(2) 1965 e 40(2) 1975, com os mesmos radicais.

⁽⁵⁾ L. Santos et alii, Inscrições Romanas do Museu Pio XII, em Braga, «Bracara Augusta», 37, 1983, p. 185-205, n.º 14.

⁽⁶⁾ Aproveita-se a oportunidade para corrigir a proveniência de uma outra estela, muitas vezes citada por referir um *Limicus*, castello Arcuce, que se encontra no MNAE (Lisboa) com o número de entrada 5230 e foi publicada por José Leite de Vasconcelos, Epigrafia do Museu Etnológico (Belém), «O A.P.» 28, 1928-29, p. 213, n.º 1, atribuindo-a a «Gerdeira do Côa, Guarda».

Embora esta aldeia seja sede de uma freguesia do concelho de Sabugal, conseguimos saber, através de pessoas idosas da região, que o monumento foi identificado em 1911 por José de Almeida Carvalhais (do MNAE) — o que está

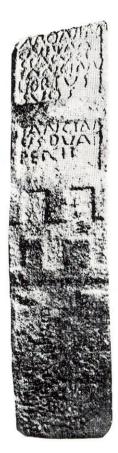
Tanto neste monumento como no anterior, há que realçar o facto de serem libertos quem manda erigir os monumentos funerários aos respectivos patronos: o que só pode significar que estes, à hora da morte, lhes concederam a liberdade com aquela condição, juridicamente imposta no testamento.

Pela paleografia e utilização do dativo, este monumento deve ser de meados do séc. 11.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

de acordo com a notícia *in* «O A.P.» 24, 1920, p. 267, com registo efectuado em 1914 — mas no sítio do Outeiro Alto, junto à aldeia de Abitureira, freguesia de Vila do Touro, concelho do Sabugal. Posteriormente foi enviada por caminho de ferro para Lisboa, através da estação da Cerdeira: daqui terá surgido o erro.

Não deixará de ser interessante relacionar o cognomen do curator da feitura deste monumento — Taurocus — com a região do Tauros numa toponímia confirmada documentalmente e que sobreviveu até aos nossos dias, a qual se deverá ao maciço rochoso na Idade Média conhecido (neste caso com redundância) por «Cabeço do Touro»!



Гото 123. 1



Гото 123.2

TÉGULA EPIGRAFADA DE PÓVOA DO CONCELHO (TRANCOSO)

Гото 124

Este fragmento foi encontrado, há já alguns anos, numa linha de água existente no sítio da Quinta do Prado (freguesia da Póvoa do Concelho, concelho de Trancoso), próximo do local onde existe uma estação arqueológica coeva e com bastantes materiais de superfície (¹).

Corresponde sensivelmente a metade de uma tégula, partida em três fragmentos. A inscrição, em escrita capital actuária de traçado elegante e de caracteres gravados com um objecto ponteagudo, sem recurso a linhas auxiliares, corresponde, pela orientação, à sua metade direita.

De salientar, principalmente, o prolongamento para a direita das pernas dos RR, e os NN com travessões prolongados para a esquerda. As primeiras letras são, indubitavelmente, um E na primeira linha e um N na segunda (de que resta, em cima e em baixo, parte da haste vertical esquerda).

⁽¹⁾ A sua existência, com leitura RRUS VIENSIS, foi já referida por Irene Avilez Teixeira, *Trancoso* — *Terra de Sonho e Maravilha*, Trancoso, 1982, p. 398.

Posteriormente à sua descoberta, foi emprestada a Mário Pereira dos Santos, que a teve algum tempo na sua posse em Lisboa. Este, aquando da reabertura do Museu Regional da Guarda, depositou-a ali.

O proprietário, José Antunes Guiomar (da Póvoa do Concelho), informounos de que não se opõe a este depósito até que em Trancoso organizem um museu municipal, para onde deverá ser trasladada então.

Dimensões: largura: 41; comprimento: (34); espessura: 2,5 ao centro e 4,5 nos bordos.

 $[\cdots]$ ERRVS / $[\cdots]$ NIENSIS

(···)ero, (···)niense.

Altura das letras: l. 1: 8 (S = 10); l. 2: 7 (1.° I = 8, e 2.° S = 6.5). Espaço: 1: 2; 2: 2.5 (0.6 no 1.° I, e 1 no 1.° S); 3: 13.

Tratar-se-ia, certamente, da identificação do proprietário da *villa* que, pela inclusão da *origo*, seria estranho à região. O *cognomen* terminaria num sufixo *-erus* (aqui com hipercorrecção), sendo possíveis vários; e, infelizmente, também para o gentilício são possíveis várias hipóteses, pelo que só a descoberta de uma outra inscrição no local poderá ajudar a completar esta (²).

Pela paleografia, deverá ser do séc. 11.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

⁽²⁾ A proximidade da sede da *civitas Aravorum* (em Marialva, apenas a cerca de 15 km para Norte), faz supor que esta *villa* lhe pertenceria. E daí esta identificação do provável proprietário.

Mesmo levando em consideração que a superfície em falta da tégula não seria superior à que resta, as hipóteses para a antroponímia (com ou sem sigla, abreviatura inicial) e para o gentilício são demasiadas. Assim, sem pretender ser exaustivo e admitindo uma origem diversa (indígena, latina, ou grega), para a primeira, poderíamos ter: Boderus, Cemerus, Coronerus, Dobiterus, Doiterus, Ligerus, Meiduerus, Anterus, Severus, Verus, Calimerus, Cryserus, etc. E, para o segundo: Aeminiensis, Baniensis, Beduniensis, Cluniensis, Interamiensis, Interaniensis, Meiduniensis, Vadiniensis, etc.



Гото 124

125

FRAGMENTO DE EPÍGRAFE DE MALHADA SORDA (ALMEIDA)

Гото 125

Durante bastantes anos, este fragmento(¹) esteve reaproveitado numas paredes do sítio do Verdugal, ou Moradios (freguesia de Malhada Sorda, concelho de Almeida), 3 km a sul da aldeia, local onde aparecem bastantes materiais de superfície(²). Recentemente, foi transportado para a aldeia, onde está à guarda de João Alberto Teles.

Num bloco de granito de grão médio, de afloramentos locais, muito tosco e sem qualquer preparação aparente, estão gravadas algumas letras, com módulos diferentes. Além da má qualidade do suporte, também a gravação é bastante imperfeita, estando a primeira linha quase apagada e restando na segunda apenas quatro letras, das quais o C está inclinado sobre o A e o S é de pança superior maior que a inferior.

⁽¹) A inscrição já foi referida por Isabel Cristina Ferreira Fernandes, Vestígios proto-históricos e romanos do Verdugal, «Actas e Memórias do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor (1979)», Penamacor, 1982, p. 57-64.

⁽²⁾ Pelos materiais de superfície visíveis no local, supomos que ali terá existido uma villa. Todavia, vários autores se lhe têm referido como correspondendo à localização de «Lancia Oppidania», no que seguem de perto as fantasias do General João de Almeida, Roteiro dos Monumentos Militares (...), Lisboa, 1946.

Porque se trata de um fragmento, a inscrição deveria estender-se para cima e para o lado direito.

Dimensões: $(80) \times (53) \times (33)$.

[AECL (?) ···] / CAES[···]

Altura das letras: l. 1: 6/7; l. 2: 12/13. Espaços: 1: (2): 2: 0/1,5; 3: 57.

Como é evidente, não é possível qualquer interpretação. Tão-pouco é provável, embora não impossível, a leitura Caes(ar), porque também poderia tratar-se de qualquer antropónimo indígena (por exemplo: Caesarus, Caesia, Caesianus, etc.). Neste último caso, eventualmente, poderia tratar-se de uma lápide funerária.

Deve ser do séc. II.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO



Гото 125